



HEBDOMADARIO CRITICO E NOTICIOSO.

Publica-se aos domingos.

ANNO I

MARANHÃO, 16 DE JANEIRO DE 1881.

NUMERO 12

## PACOTILHA.

MARANHÃO, 16 DE JANEIRO DE 1881

### REMINISCENCIAS.

#### I

Luiz tem vinte cinco annos e não é feio.

Maria tem dezoito, e é bonita.

Luiz ganha por anno dois contos e quinhentos como caixeiro do commercio e não tem familia.

Maria não ganha nada mas tem um pae empregado do governo, que consegue trazel-a limpa e confortada sem pregar mais de cinco calotes, o que é muito regular.

Luiz e Maria encontram-se naturalmente nos bailes... no theatro... nas festas, emfim, por toda parte onde costumam ir uma moça que não quer ficar solteira e um rapaz que quer casar.

Maria dança uma quadrilha com Luiz, depois uma polka, depois uma walsa e amam-se.... apaixonadamente.

Ao fim de um mez Luiz consulta o patrão se acha bom que elle se case com uma menina de juizo, filha do sr, Fulano de tal.

O patrão de Luiz responde-lhe que faça o que entender, que nada tem que ver com isso.

Luiz barbea-se, banha-se, perfuma-se, veste-se e vae à casa do pae de Maria pedil-a em casamento.

O pae consulta a filha, a filha não consulta a ninguem e responde que sim.

Dahi a algum tempo recebe-se esta cartinha: « Luiz não sei de que participa a V. S. o seu casamento com D. Maria dos anzões e offerece a sua casa na rua das cãsas numero não sei quantos.»

Casaram-se.

Acaba aqui o primeiro capitulo.

#### II

Luiz vae às 6 horas da manhã para o armazem e volta às 7 da noite. Maria passa todo este tempo entretida a não fazer cousa alguma, alem de conversar com a vizinha defronte que tambem é casada e se chama Francisca.

O marido de Francisca não tem individualidade definida; é um typo como qualquer outro.

Tem todos os vicios, e nenhuma virtude; vive em continua guerra aberta com o trabalho e é artista.

Dá pelo nome de Pedro. Se quizesse trabalhar poderia ganhar diariamente dois mil reis, porém acha preferivel passar os dias a passeiar, a beber, a fumar, a dormir, a não fazer nada emfim, fazendo tudo isso.

Francisca accorda cedo, dorme tarde e leva os dias e parte das noites a coser, a bordar, a fazer a comida, a concertar a roupa, laval-a, e a aturar o marido.

Pedro casou com Francisca por gosto, por amizade, por amor, por paixão, por inclinação, por tudo quanto quizerem que não tenha o menor vislumbre de

contrariedade ou violencia da parte de qualquer um d'elles.

Ao fim de dois annos comprehendeu elle que trabalhar para a mulher era asneira rematada e ella que não o fazer para o marido seria falta de dever.

Viviam felizes ambos.

#### III

Luiz quando casou com Maria veio morar para defronte de Francisca e Pedro e deram-se logo as mulheres dos dois casaes.

Maria, casada de pouco, sem necessidades, sem cuidados, sem companhia que a ajudasse a passar as horas em que Luiz estava no armazem, naturalmente volveu a procurar no inesgotavel thesouro das cidades pequenas, a distração de que precisava. Recorreu à vizinhança e foi promptamente servida.

Acasa em que morava Maria era flanqueada, de um lado por uma nojenta quitanda que, graças a sordidez do dono e falta absoluta de competidores, prosperava escandalosamente, de outro por uma porta e janella guarneçada por uma trindade de sapateiros, que a bater solla e cantar modinhas levavam os dias e as vezes as noites.

Defronte era a casa de Francisca. Tinha na parede da frente duas janellas e uma porta e compunha-se de uma sala, alcovã, varanda, um quarto no correr, cozinha e os corredores. O quintal acanhado e immundo fazia com que Francisca procurasse a sala que mais clara e ventilada que o resto da casa, lhe permittia entre-

gar-se às variadas labutações de seu viver diario.

Trabalhava junto a uma das janellas que devassava a casa de Maria, e era por ella devassada.

Começaram por se comprimentarem as duas, depois fallaram-se e afinal ficaram amigas intimas.

Quasi sempre Francisca só em casa pedia a Maria que se passasse para lá e fosse conversar com ella.

Maria, mesmo como estava, atava um lenço ao pescosso, procurava a sombrinha, dizia a alugada que vigiasse a casa e ia.

Francisca, trabalhando sempre extasiava-se a ouvir Maria contar-lhe o que fizera quando andava no collegio, e descompassadamente riam das loucuras que mutuamente referiam.

Pedro as vezes entrava para jantar e encontrando Maria cortejava-a muito, affectando ares de galanteador piegas.

Maria toda risonha replicava com ditos espirituosos às facecias do marido da outra e retirava-se discretamente para não constrangel-os com a sua presença durante o jantar.

Pedro antes de se casar fôra algum tempo collaborador na repartição em que o pae de Maria era empregado e lembrava-se de ter ido algumas vezes a sua casa quando ella era ainda menina, e até de uma occasião se offerecer para concertar

**FOLHETIM.**

Nada é mais bello que a verdade — e nada é mais verdade do que isto.

Este axioma, tão velho como o pelourinho do largo do Carmo e o arroz de toucinho, é o melhor elogio da moderna escola realista.

De facto, nada tão bello como a verdade, a realidade—aquillo que se vê e que se sente.

A palheta mais rica de combinações, o pincel mais subtilmente delicado, aprovados pelo talento mais fecundo, podem transportar para metro e meio de tela o aspecto risonho ou tétrico da natureza—mas não lhe communicam o *cachet* das cousas reaes e os toques scintillantes esmaecem ao lado dos beijos que a luz do sol pousa na superficie esmeraldina da folhagem e das chispas tremeluzentes que despedem os diamantes liquidos suspensos pelo orvalho nas cordas das trepadeiras, e os traços arrojados acanham-se comparados ao zig-zag sulfuroso do raio na escuridão da tempestade;

A imaginação mais abuntante póde encher centenas de paginas com a existencia luxuosa de Monte-Christo ou com os es-

o braço de uma boneca, que ella aceitou agradecida.

Maria recordava-se disso e tambem de que elle, quando lhe apresentou a boneca concertada a quizera beijar, na varanda, aproveitando da ausencia rapida do pae que fôra ao quarto buscar uns papeis que elle tinha de levar.

Cousas de crianças.

IV

Quando completou um anno de casado Luiz convidou alguns amigos para jantar. Era um domingo.

Havia à mesa quinze pessoas, sendo seis senhoras e nove homens. Pedro e Francisca estavam presentes.

Fizeram-se muitos brindes à virtude e probidade dos presentes e Pedro recitou um discurso em que elogiava as inapreciaveis qualidades de Luiz e sua esposa.

Levantaram-se a meza às sete horas da noute com os estomagos pesados e as cabeças turvas.

Todos estavam satisfeitos e Luiz exultava.

A's nove horas começaram a despedir se os convivas e Luiz offereceu-se para acompanhar uma senhora que viera sóa morava longe.

Instada por uma necessidade qualquer Francisca foi a casa dizendo que voltava logo.

plendores arabes das Mil e uma noite—mas não excede á realidade do nosso luxo moderno, commodo, artistico, magestoso, rodeado de todos os requintes do bom gosto e da elegancia.

Estas reflexões acodiram-n'os à mente subindo na noite de 11 a escadaria alcatifada de um palacete à rua dos Remedios, entre duas filas de vasos alinhados como soldados allemães trsbordando as folhas gigantes das nossas plantas tropicaes, inudado de um banho de luz suave e delumbrante.

E fundidos n'um pensamento fixo, teimoso, persistente, inapagavel, encaixaram-se nos no cérebro durante toda essa *soiére* esplendida onde toda a gente, magnetizada, atordoada pelo borborinho das vozes, pelo ruge-ruge das sedas, pela variedade das côres, pelas harmonias da musica, esquecia as cousas prosaicas da existencia diaria, as preocupações impertinentes dos negocios— para entrar n'um mundo magico, seductor, feito de alementos novos, de sensações boas e salutareas, que curam n'uma hora de gozo dez annos de repartição publica e de rheumatismo.

Maria recostada indolentemente no sophá, os olhos meio cerrados e a pontinha do pé a descrever semicirculos por debaixo da basta do vestido, parece concentrada em acompanhar um pensamento constante que lhe occupa inteiramente as ideias.

Pedro, junto a uma mesa, folhea um album distrahido. Sente-se presa de uma ideia que lhe produz estremecimentos rapidos nos membros contrahidos.

De repente volta-se.

—A senhora não tem mais alguma boneca para concertar o braço? diz com voz mal segura.

Maria não responde e recosta-se mais no sophá suspirando.

Pedro deixa o album e resolutamente vem sentar-se em uma cadeira proxima do loger em que Maria está.

Decorre um minuto.

Pedro estende a mão e segura a que Maria conservava pendente da borda do sophá.

Sente-a fria e tremula Maria não faz um movimento.

Pedro levanta-se de um golpe debruça-se estendendo os labios para dar-lhe um beijo.

De repente Maria faz um esforço violento para erguer-se e no momento em que Pedro voe tocar-lhe na bocca, recebe em cheio no resto uma golphada de vomito fetido.

Fizera-lhe indigestão o jantar.

*Nada é mais bello que a verdade*, pensamos nós entrando nos vastos salões do baile, pisando com os nossos sapatos de verniz um tapete *bariolé* de mil côres como se todos os pintores do universo ali viessem enxugar os pinceis, abaixando as palpebras fustigadas pelos reflexos prismaticos do chrystal dos candelabros reflectidos nos enormes espelhos, examinando as dobras sérias e graves dos pesados reposteiros de *reps*, as figurinas de *biscurt*, os *bouquets* de pennas, os medalhões de *plâtre* profusamente espalhados no marmore dos *consoles*.

*Nada é mais bello que a verdade*, disse-nos o coração, quando, o corpo correctamente arqueado como um meio parentese, nos inclinamos respeitos amante, com o nosso *claque* sob o braço, diante do nosso par; quando, pousando-lhe de leve na cintura delgada uma das nossas mãos, cuja grosseria se encapava em *gris-perle*, tomando-lhe com a outra a sua mão polpuda tyransada pela fresca pressão da sua luva de seis botões, arrastamo-la suavemente nas voltas languidas e preguiçosas de uma walsa allemã, marcadas pelas poeticas rabeçadas de uma composição de Strauss,

*Malho*, recebemos o teu cartão porem não te deixaremos beijar os nossos louros cabellinhos porque ficamos zangada contigo, sim zangado e com toda razão.

A tua exagerada medestia exasperou-te o animo e confundio-te as ideias, a ponto de chamares *coterie* o que dissemos com a franqueza e indiscreção proprias de nossa idade do teu trabalho.

Não é favor é justiça.

Agora um pedido: — para outra vez quando quizeres passar-nos alguma reprehensão é favor fazel-o em portuguez, sem palavras que não entendamos, como s tal *coterie* que fez-nos suar o topete por descobrir o que era.

Bem debes calcular que com os poucos annos que temos não pode uma menina conhecer uma lingua que seus paes não falam.

Já se vae sentindo cheiro de carnaval; admira como o Martns ainda não des-pertou.

Ha uma tenue probabilidade de que tenhamos este anno companhia lyrica.

Será possivel!

*Nada é mais bello que a verdade*, affiançava-nos o pensamento, emquanto, impando de orgulho dentro do nosso curto collete eſcanteado, por baixo do *plaston* transparente da nossa camisa abotoada por tres perolas singelas, brincando com o sinete pendente da nossa cadeia *Regence*, passeavamos a repousar o sangue agitado pelo movimento da dança, sentindo no braço, através da manga da nossa casaca, as saliencias agudas de um bracelete de brilhantes, ſoltando em phrases pausadas, lentas, escolhidas, a nossa melhor rhetorica de salão.

*Nada é mais bello que a verdade*, suspirava a espuma de uma excellente cerveja, passando de grandes jarras de vidro de côr para a caneca bordada de arabescos, que esviasmos vagorosamente, espraian-do a vista pela extensa varanda guarneci-da de quadros campestres e de buffetes carregados de calices e de garrafinhas, que revelavam indiscretamente nos letreiros que tinham collados à garganta o se-gredo do seu conteudo.

*Nada é mais bello que a verdade*, liamos nos papelinhos franjados das balas de estalo, na superficie lustosa dos crêmes, na crôsta chocolatina dos pudins, nos fios

ASSIGNA-SE A PACOTILHA

Para a capital

Por tres mezes..... 2\$000

Numero avulso..... 200

Para o interior

Por seis mezes..... 5\$000

Pagamento adiantado.

Tabella de annuncios

Annuncios simples no corpo do jornal, por cada linha 50 reis.

Os assignantes nada pagam.

Annuncios em letras de phantasia na ultima pagina, mediante ajuste pravio.

Sarah Bernhardt, foi visitada em New-York por um mormon, que lhe pediu um camarote para sua familia.

—Quantas pessoas tem sua familia? perguntou-lhe Sarah.

—Tenho 24 mulheres e 168 filhos!

dourados das capellas d'ovos, durante a nossa estada á meza, dividida a nossa at-tenção entre umas *croquettes* de castanhas e um finissimo Madeira, e o espectáculo d'aquella estrada enorme juncada de pratos, de *Ctagères*, de fructeiras, de compo-teiras, transparentes, crystalinas, coloridas, picadas de pontos luminosos, com o seu grande centro de vidro abrindo n'um ramalhete enorme a sombrear o pequeno lago, onde-os chætodontes nadavam travessos, com reflexos cambiantes, ladeada de bellezas olympicas servidas por cava-lheiros cheios de *aptomb*, girando o pescoço duro e aristocratico no collarinho deitado sobre a gravatinha de cambraia—tudo isto augmentado, duplicado, estendido pelo grande espelho do fundo.

*Nada é mais bello que a verdade*, philosophamos depois, recostando-nos ao largo balcão tecido de trepadeiras, saboreando um *Exposição de Cardoso*, ouvindo as marchas da chavanga dos Educandos, vendo a agua do repucho pelverisar-se no ar e cair como um punhado de areia na superficie do tanque de marmore.

*Nada é mais bello que a verdade*, bradava-nos a nossa caricatura, achatada por um espelho concavo e malicioso, de bocca

A companhia das agoas já começou a collocar as torneiras para incendios, que contractou com a presidencia da provincia.

Em um baile:

Um rapaz vae convidar para dan-sar uma senhora que se recusou pre-textanta indisposição.

—Estou encommodada, não posso dansar, desculpe-me.

—Ah! já sei; — o seu encommo-do é effeito da praga que lhe ro-guei por me ter pregado hontem uma taboca.

—Devera! pois então muito agra-decida lhe fico pelo obsequio.

—Caçoada minha senhora, pois acredita que praga de urubú mata cavallo?

Amabilidades.

O vapor «Maranhão» vae em Março a Liverpool mudar de entranhas. Deus per-mitta que não volte tão comilão.

êscancarada, olhos arregalados, testa de-primida.

E foi ainda ruminando esta ver-dade fundamental que deixamos com saudade a interessante festa e descemos a rua do sôl, mollemente reclinado nos coxins macios de uma carroagem do sr. Vasconcellos Duarte, entorpercidos pelo cansaço das danças, repleto de recorda-ções boas, sympathicas, duradoras.

No dia seguinte, espreguiçando os mem-bros mal consolados por tres horas de somno sobre os nossos colehões, compa-paramos a série caprichosa de sonhos com que a nossa imaginação sobre-excitada nos entretivera emquanto o corpo dormia, com todas as peripecias d'aquella noite de rosas profundamente gravada na nossa memoria—e chegamos à conclusão logica, poderosa, irrecusavel de que nada pôde exceder a realidade, quando esta nos é verdade pelo bom gosto, a amabilidade e a bondade da familia Ribeiro

Nada é mais bello que a verdade.

*My lord,*

# TYPOGRAPHIA DA PACOTILHA

## RUA DO EGYPTO

Impressões nitidas e aceiadas em papel,  
setim e cartão.

Especialidade em rotulos para cigarros, cartoes de visita, obras de  
fantasia do mais apurado gosto.

Imprime-se com tintas de varias cores e colla de ouro e prata.

## A Typographia da PACOTILHA

é a unica que nesta cidade emprega typo de fundição americana,  
a mais perfeita de todas.

Das 6 da manhã ás 5 da tarde se encontrará no estabelecimento  
pessoa competente para ajuste das obras, que serão feitas por preços  
cuja modicidade admira.

**N. 5 RUA DO EGYPTO N. 5.**

### FOLHETIM.

#### UM CORAÇÃO SIMPLES.

POR

**GUSTAVO FLAUBERT.**

II

(Continuação.)

Outras vezes, tendo passado o Toucque, embarcados, procuravam conchas. Amare baixa deixava a descoberto ouriços, godfiches, medusas; e os meninos corriam, para alcançar flocos de escuma que o vento levava. As ondas adormecidas, caindo sobre a areia, desenrolavam-se ao longo da praia; ella estendia-se a perder de vista, mas do lado da terra tinha por limite as dunas que a separavam do—Marais,— largo prado em forma de hippodromo. Quando voltavam por ahi, Trouville, ao fundo no declive da collina, a cada passo crescia, e com todas as suas casas desiguaes parecia expandir-se n'uma desordem alegre.

Nos dias em que fazia muito calor, elles não saham de casa. A offuscante clarida-

de exterior applicava barras de luz entre as rotulas das venezianas. Nenhum barulho na villa. Em baixo, na testada, ninguém. Este silencio espalhado augmentava a tranquillidade das cousas. Ao longe, os martellos dos calafates tapavam carenas, e uma brisa pesada trazia o cheiro do alcatrão.

O principal divertimento era a volta das barcas. Logo que passavam as balisas, começavam a bordejar. As vellas desciam a dous terços dos mastros; e, com a mezena inchada como um balão, avançavam-deslisavam na ondulação das vagas, até ao meio do porto, onde a ancora, cahia de repente. Depois o barco encostava-se ao caes. Os marinheiros atiravam por cima da borda os peixes palpitantes; uma fila de carretas esperava-os, e mulheres de touca de algodão corriam para carregar os cestos e abraçar os seus homens.

Uma d'ellas, um dia, chegou-se a Felicidade, que pouco tempo depois entrou no quarto, toda satisfeita. Tinha encontrado uma irmã; e Nastacia Barette, mulher de Leroux, appareceu, segurando ao còlo um pecurrucho, com a mão direita um outro menino, e á esquerda um rapazinho de mãos nos quadris e barrete sobre a orelha.

No proximo mez de março, o principe real portuguez fará uma viagem a diversos paizes.

A esquadra que tem de acompanhal-o compõe-se das corvetas «Mindello» «Estephania» e «Bartholomeu Dias», e da fragata encouraçada «Vasco da Gama.»

O comprimento do projectado canal do Panamá é de 73 kilometros.

Representa-se actualmente em Paris o drama de grande successo denominado «Garibaldi.»

O predio da rua 28 de Julho canto do Vira Mundo, comprado ultimamente pelo sr. Augusto Caetano da Silva Ramos, tem no canto do edificio uma pedra com o letreiro seguinte:

«Fez edificar este predio o capitão Antonio José de Souza no anno de 1800.»

Ainda sob as bases das profecias do Bandurra, o segundo semestre deste anno será de verdadeiro verão, a excepção do mez de dezembro em que haverá bastante chuva.

Passado um quarto de hora, Mme. Aubain despediu-a.

Encontravam-n'os sempre nas proximidades da cosinha, ou nos passeios que faziam. O marido não se mostrava.

Felicidade afeiçãoou-se a elles. Comprou-lhes uma coberta, camisas, um forno; evidentemente elles desfructavam-na. Esta fraqueza irritava Mme. Aubain, que aliás não gostava das familiaridades do sobrinho—porque elle tratava-lhe o filho por tu;—e, como Virginia tossia e a estação não era boa, ella voltou a Pont-l'Évêque.

M. Bourais guiou-a na escolha d'um collegio. O de Caen passava pelo melhor. Paulo para lá foi; e fez suas despedidas corajosamente, satisfeito de ir viver n'uma casa onde teria camaradas.

Mme. Aubain resignou-se á ausencia do filho, porque era indispensavel. Virginia pouco a pouco esqueceu-se. Felicidade lembrava-se das suas diabruras. Mas uma occupação veio distrahil-a; á começar do Natal, ella levou todos os dias a menina ao catéchismo.